

Vida e obra de Gabriela Mistral: uma ilustre desconhecida

Rodrigo Conçole Lage

Graduado em História (UNIFSJ), especialista em História Militar (UNISUL).
E-mail: rodrigo.lage@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo deste trabalho é examinar a vida e a obra da poeta chilena Gabriela Mistral, prêmio Nobel de Literatura de 1945. Analisaram-se seu estilo e os temas com os quais trabalha. Abordaram-se igualmente algumas questões referentes às traduções e à fortuna crítica.

Palavras-chave: Gabriela Mistral. Poesia Chilena. Literatura Moderna.

Abstract: The paper aims to present the life and work of Chilean poet Gabriela Mistral, Literature Nobel Prize winner in 1945. It was also examined her style and themes with which she works. This work also addresses some issues related to translations and critical fortune.

Keywords: Gabriela Mistral. Chilean Poetry. Modern Literature.

1 Biografia de Gabriela Mistral

Lucila de María del Perpetuo Socorro y el Godoy Alcayaga, mais conhecida como Gabriela Mistral, filha do professor Juan Jerónimo Godoy Villanueva e de Petronila Alcayaga Rojas, nasceu na comuna de Vicuña (província de Elqui), no dia 7 de abril de 1889. O pseudônimo Gabriela Mistral foi uma homenagem a dois de seus poetas preferidos, Gabriele D'Annunzio e Frédéric Mistral (vencedor do Nobel de Literatura de 1904).

Aos três anos de idade, seu pai saiu de casa. Ela teve uma meia-irmã, Emelina Molina Alcayaga, filha de Rosendo Molina Rojas. Aos 15 anos, se apaixonou por um homem mais velho (com mais de 35 anos), Alfredo Videla Pineda, com o qual se correspondeu por quase um ano e meio. Em 1904, começou a trabalhar como professora auxiliar na *Escuela de la Compañía Baja*, na comuna *La Serena*, na província de *Elqui*.

Nesse mesmo ano, começou a publicar no jornal serenense *El Coquimbo*, onde continuou a publicar no ano seguinte. Em 1905, passou a publicar também no *La Voz de Elqui*, de *Vicuña*, e seus textos foram duramente criticados por Albeto Madac, um crítico local, o que deu início à primeira das várias polêmicas literárias nas quais veio a se envolver. Em 1906, conheceu Romelio Ureta Carvajal, em *La Cantero (Coquimbo)*, vindo a ter um relacionamento com ele. Contudo, o relacionamento teve um fim trágico, pois “promessas não cumpridas e o roubo de dinheiro da ferrovia de que era empregado terminaram com o suicídio dele” (LACOSTE; ARANDA; CUSSEN, 2012, p. 10-11). Essa traumática experiência está presente em *Los sonetos de la muerte*.

Em 1908, passou a trabalhar como professora em *La Cantera* e, posteriormente, em *Los Cerrillos*, sem ter estudado para isso. Somente em 1910, recebeu o título de *Profesora de Estado*, pela *Escuela Normal N° 1 de Santiago*. Ao longo de sua vida, atuou de forma importante no magistério. Foi inspetora no *Liceo de Señoritas de La Serena*. Posteriormente, foi diretora do *Liceo N°6* de Santiago. Viajou para diferentes países da Europa, para o México e para os Estados Unidos para estudar os métodos educativos ali aplicados e suas escolas. Foi também professora convidada de diferentes universidades (*Barnard, Middlebury e Puerto Rico*).

Entre 1912-1918, trabalhou “como professora de Castelhana, História e Geografia no liceu de meninas da cidade de *Santa Rosa de los Andes*” (LACOSTE; ARANDA; CUSSEN, 2012, p. 11). Em 1914, recebeu seu primeiro prêmio literário, pelos *Los Sonetos de la Muerte*, no concurso *Juegos Florales*, em Santiago. Mistral foi enviada a *Magallanes*, em 1918, “a província mais ao sul do Chile, com uma missão específica, chilenezar” a região (FIOL-MATTA, 2005, p. 230).

Nesse mesmo ano, o ministro da educação, Pedro Aguirre Cerda, a nomeou diretora do *Liceo de Niñas* de Punta Arenas (local em que veio a participar da criação da revista *Mireya*, em 1919) e, posteriormente, ocupou o mesmo cargo em Temuco e no *Liceo N° 6 de Niñas*. Em 1920, mudou-se para Temuco. Em 1922, publicou, em Nova York, o livro *Desolación*, ano em que foi convidada a colaborar no *El mercurio*, por Silva Vildósola, o que fez por mais de trinta anos.

Nesse mesmo ano, viajou para o México, saindo pela primeira vez para fora do Chile, a convite do ministro da educação José Vasconcelos, onde trabalhou por quase dois anos na fundação do “sistema de escolas rurais para a nova nação” (LUCO; DOMANGE, 2010, p. 52) e também das campanhas voltadas para a fundação de bibliotecas populares. Publicou ali, em 1923, o *Lectura para mujeres*. O livro de poemas *Ternura* foi lançado em 1924. Entre 1925-1926, “realizou três viagens entre Chile e Argentina” (LACOSTE; ARANDA; CUSSEN, 2012, p. 14), que irão lhe marcar e servir de tema para alguns textos em prosa e poemas. Em 1926, trabalhou na Europa, como secretária de uma das seções da Liga das Nações, e também veio a ocupar a secretaria do *Instituto de Cooperación Internacional*, da Sociedade das Nações, em Genebra.

Um ponto a ser destacado na sua trajetória de vida é o do papel exercido pelas diferentes pessoas que a auxiliaram. Hutt (2007, p. 58-59, tradução nossa) destaca o fato de que, por seu talento, conquistou a simpatia de diferentes pessoas que lhe ajudaram nos momentos de dificuldade.

Estes protetores estão presentes ao longo de sua carreira, desde Mariano Araya, visitador da escola do Valle del Elqui, quem lhe dá materiais escolares, passando por Juan Guillermo Zabala, que lhe consegue o trabalho de inspetora no Liceo de Niñas de La Serena, Bernardo Ossandón, um jornalista que lhe abre sua biblioteca sendo Mistral uma adolescente, para chegar a seu amigo Pedro Aguirre Cerda graças a quem consegue seu primeiro cargo de diretora do Liceo, entre outras nomeações e benefícios.

Trabalhou intensamente em benefício das crianças e da educação infantil. Em 1928, participou em Buenos Aires da I Convenção Internacional de Professores, onde apresentou sua declaração dos “*Derechos del Niño*”. No auxílio das instituições que,

durante a Guerra Civil Espanhola, abrigavam crianças refugiadas, dedicou a elas “a renda das vendas sulamericanas de *Tala* – obra publicada naquele ano” (SOARES, 2002, p. 195). E, entre os anos de 1920-40, exerceu um papel importante no “universo da educação e das políticas de leitura pública da Argentina” (SOARES, 2002, p. 193).

Nesse sentido, valorizou o papel dos livros e da leitura entre as crianças e os adultos, o que a levou a trabalhar pela difusão de bibliotecas, porque a via como um instrumento de luta contra a barbárie. Lutou pela valorização da importância do folclore (por meio de seus poemas e narrativas orais) acreditando que, numa sociedade onde a cultura letrada estava restrita a alguns setores da sociedade, ele seria fundamental para esse processo de difusão. Ao mesmo tempo, deu valor à literatura infantil, ao contrário dos muitos que tinham uma visão depreciativa dela. E, segundo Soares (2002, p. 193-194), “suas concepções sobre literatura infantil foram referência central para pessoas que vieram a se destacar nessa área [...]”.

Em 1929, sofreu uma grande perda com o falecimento de sua mãe. No ano seguinte, começou a exercer sua carreira diplomática, que abrangeu diferentes países da Europa, o México, os EUA e o Brasil. Viajou para Porto Rico, em 1931, e depois seguiu para Caribe e América do Sul. Durante esse período, veio a ser nomeada na Nicarágua, por Augusto Sandino, *Benemérita del Ejército Defensor de la Soberanía Nacional*. Veio a trabalhar como professora visitante, entre 1930 e 1931, no *Barnard College* e no *Vassar College*, de New York. Enquanto ali esteve, Mistral “ditava cursos de literatura espanhola contemporânea e de literatura hispanoamericana” (LACOSTE; ARANDA; CUSSEN, 2012, p. 12, tradução nossa).

Em 1937, veio ao Brasil, visitando São Paulo, e, posteriormente, foi nomeada cônsul geral, entre 1939 e 1943, período em que conviveu com intelectuais e artistas brasileiros. Em 1940, viajou para os EUA, onde visitou o Nobel de Literatura Rabindranath Tagore, que na época estava em Nova York. Enquanto esteve em nosso país, ficou, inicialmente, em Niterói, mas depois se transferiu para “Petrópolis, onde viveu anos difíceis de vida pessoal, até seu embarco para Estocolmo” (SOARES, 2002, p. 204), onde receberia o Nobel de Literatura. O suicídio de seu filho adotivo, Juan Miguel Godoy (carinhosamente apelidado de “Yin Yin”), em 1943, foi o ponto culminante desse período tão difícil.

As circunstâncias do nascimento – e da morte – de Yin Yin não são claras. Mistral afirma que ele era seu sobrinho, filho de um irmão ilegítimo que ela não conheceu e de uma espanhola. Como exatamente ela o localizou, ou foi encontrada pelos pais dele, nunca foi explicado. Alguns críticos suspeitam de que Yin Yin não era de fato parente de Mistral, mas simplesmente um garoto espanhol que ela adotou enquanto morou na Espanha. Recentemente uma TV chilena transmitiu uma entrevista com a última companheira de Mistral, a americana Doris Dana. Dana alegou que antes de morrer Mistral “confessou” a ela o segredo do nascimento de Yin Yin: ela própria seria a mãe biológica de Yin Yin. No entanto, Dana não acrescentou outros detalhes biográficos, nem forneceu qualquer indicação sobre quando o nascimento ocorreu, sobre como e onde Mistral se escondeu nos últimos meses de gravidez, nem quem era o pai. Aos 16 anos Yin Yin ingeriu uma dose letal de arsênico, e sua morte foi considerada suicídio. Mistral, que nunca conseguiu superar a morte do filho, criou uma narrativa pela qual ela se isenta de responsabilidade pelas ações dele (FIOL-MATTA, 2005, p. 250-251).

Durante seu consulado, entre outras coisas, convidou o titereiro Javier Villafañe para vir ao Brasil exercer sua atividade. Ao aceitar o convite, ele “visitou o Rio em 1941, hospedando-se por alguns meses na casa do escritor Rubem Braga” (SOARES, 2002, p. 113). Em 1943, viajou para Belo Horizonte a convite de Henriqueta Lisboa, permanecendo ali por onze dias. Durante esse período, pronunciou duas conferências: “uma sobre o Chile e a outra sobre **O menino poeta**, livro de Henriqueta ainda no prelo” (MARQUES, 2004, p. 206).

Esse foi um momento importante, porque a amizade das duas, iniciada por volta de 1940, se consolidou ainda mais, sem contar o fato de que Henriqueta a colocou em contato com diversos intelectuais mineiros. Mistral também veio a escrever para a revista *Festa*. Ela foi convidada em nome do presidente Miguel Alemán, por volta de 1948, a ir mais uma vez para o México, onde veio a residir em Veracruz. Contudo os motivos desse convite não são claros devido à falta de fontes.

Entre 1950-1953, sabemos que “chegou a ler *Ésquilo* e visitar sítios arqueológicos na Itália enquanto trabalhava ali como cônsul” (GRAÑA, 2014, p. 1, tradução nossa). Em 1953, retornou aos EUA por ter sido nomeada cônsul, ficando em Nova York. Nesse mesmo ano, intercedeu, junto ao presidente Juan D. Perón, pela libertação da escritora argentina Victoria Ocampo, que havia sido presa por sua oposição ao peronismo. Em 1954, viajou para o Chile a convite do governo, para ser homenageada, tendo recebido o título de *Doctor honoris causa* pela *Universidad de Chile*, retornando, posteriormente, aos EUA. No dia 10 de janeiro de 1957, ela faleceu, em *New York*, por causa de um câncer no pâncreas, aos 67 anos.

2 Sua obra

Apesar do valor de sua obra e de ter recebido o mais importante prêmio literário, o Nobel de Literatura, ela não tem sido devidamente valorizada e está muito esquecida.

Quando se pensa na obra de Gabriela Mistral, imediatamente afloram em nosso pensamento *Desolacion*, *Ternura*, *Tala* y *Lagar*. Quando encontramos um artigo ou análise de sua obra, este faz referência aos versos contidos nos livros mencionados. A primeira vista, pareceria que Gabriela Mistral só houvesse escrito essas quatro obras em sua vida. Dificilmente se pensa ou se recorda sua obra em prosa, que representa mais de quarenta anos de produção literária (ALDREDE, 1992, p. 311, tradução nossa).

Esse esquecimento é ainda maior no Brasil, onde temos poucos estudos¹ e um número ínfimo de traduções. Nenhum de seus livros foi traduzido. Temos a coletânea

¹ Os principais trabalhos sobre a escritora foram produzidos na USP e não se encontram disponíveis na internet. Temos a tese de doutorado *Feminismo e Gênero na Prosa de Gabriela Mistral* (2000), de Julio Aldinger Dalloz; a tese de doutorado *Gabriela Mistral e Poema de Chile* (1998) e a dissertação *Ternura e o americanismo em Gabriela Mistral* (1993), ambas de Sandra Trabucco Valenzuela; e a tese de doutorado *La poesía de Gabriela Mistral* (1965), de Eduardo Peñuela Canizal.

organizada e traduzida por Henriqueta Lisboa, *Poemas escolhidos*, composta de 61 poemas e 7 textos em prosa poética. E temos a tradução de 32 poemas em *Cecilia Meireles e Gabriela Mistral*, por Ruth Sylvia de Miranda Salles.

Também colaborou com vários jornais brasileiros “como a *Tribuna de Petrópolis*, o *Jornal de Petrópolis*, *A Manhã*, o *Jornal* e a revista *Diretrizes*, publicados no Rio de Janeiro” (SILVA, 2014, p. 172). Em Portugal, também foi pouco traduzida. Há somente a *Antologia Poética*, com poemas selecionados e traduzidos por Fernando Pinto do Amaral, de 2002. Com isso, os falantes de língua portuguesa têm a sua disposição uma parte ínfima de sua produção.

Das duas conferências pronunciadas no Brasil, temos a publicação de uma, no jornal *A manhã* (não foi possível localizar nenhuma referência sobre a outra), sobre o livro de Henriqueta Lisboa, que foi posteriormente inserida no livro *O menino poeta*. A partir do que foi dito, pode-se dizer que a falta de traduções e de estudos sobre a vida e a obra da poeta tem sido um obstáculo para que seja mais bem conhecida. Podemos citar como exemplo de temas a serem trabalhados a questão do conhecimento de suas influências literárias, fundamental para leitores e pesquisadores que desejarem ter contato com sua produção.

Independentemente do que assimilou da oralidade e dos mitos em sua adolescência, segundo Humberto Díaz Casanueva, Gabriela lhe assegurou que seus mestres em prosa haviam sido alguns livros da Santa Bíblia; Martí, especialmente suas cartas, e através dele, Gracián. Impressionaram-na em sua juventude Vargas Vila e Nervo; sentiu uma influência espiritualista de Emerson e Tagore; também admirou em sua maturidade a muitos outros, entre os quais sobressaíram Miguel de Unamuno, na Espanha, e Alfonso Reyes, no México. (PADRÓN, 2011, p. 139, tradução nossa).

Outro problema é o fato de que os estudos têm se concentrado sobre a produção poética, com poucos trabalhos voltados para os textos em prosa. No que se refere a essa produção em prosa, ela se divide em seis grupos: os poemas em prosa, as cartas, os recados, os textos jornalísticos, os de pedagogia e os de política. A atividade jornalística foi de grande importância, tendo sido exercida de forma intensa por dezesseis anos, com contribuições para “a expressiva cifra de cem títulos de jornais e revistas” (DALLOZ, 2003, p. 1). Apesar da publicação póstuma de várias coletâneas de textos jornalísticos, não existe uma edição completa desses textos.

Dentre os gêneros citados, temos alguns textos em verso e prosa comumente chamados de *Recados*² (algumas vezes também denominados como *Encargos*, *Mensajes*, *Recados*, *Comentarios*, *Llamados*, *Palabras*, *Pláticas*). Um gênero praticamente desconhecido no Brasil. Segundo Grandón (2009, p. 92-93), os Recados são “comentários subjetivos e pessoais que, frequentemente, tem um destinatário particular, embora estejam sempre destinados a publicação”. Encontramos neles uma série de características que permitem não só a delimitação do gênero, mas também um melhor conhecimento da relação com seus leitores.

² Alguns desses textos não recebem título, mas podem ser identificados por meio da expressão utilizada em seu início: “Algo sobre”, “Sobre”, “Respuesta a”, “Carta para”, “A...” (LAGUNAS, 2009, p. 92)

Neles, Mistral critica, elogia, envia advertências, repreensões e confia tarefas ao leitor. Por isso que muitos de seus recados levam um pedido para que o destinatário aja. O certo é que seus recados conservam o tom íntimo, familiar, algumas vezes elogioso e outras, de reproche ("Sobre Marta Brunet") ou de cumplicidade ("La Palabra Maldita"). A estas características, Mistral acrescenta sempre a raiz campesina de seu dizer. Daí também, o uso contínuo e preferencial de modismos, coloquialismos, ditos, ditos populares, hispano-americanismos e regionalismos em seu discurso, assim como o gosto pela criação de palavras (neologismos) ou o emprego corrente de outras em desuso (arcaísmos) (LAGUNAS, 2009, p. 93, tradução nossa)

Contudo, até onde sabemos, "Mistral escreveu quinhentos e cinquenta textos em prosa, segundo o inventário que Alfonso Escudero fez em 1957" (HUTT, 2007, p. 55, tradução nossa). Não se pode esquecer de que ela não só nos deixou seus livros e textos publicados em jornais e revistas, mas também conservou um grande acervo de manuscritos, incluindo alguns textos inéditos.

Em 1965, oito anos depois da morte da autora, Magda Arce encontrou nove baús na casa de Mistral em Santa Bárbara, Califórnia, Estados Unidos. É razoável supor que o conteúdo destes baús corresponde ao material itinerante da autora (1922-1950). Outro conjunto de materiais foi o que a autora deixou em sua casa em Nova York, onde passou os últimos sete anos de sua vida. Finalmente, quando Mistral morreu (em 1957), seus manuscritos e outros materiais culturais haviam ficado divididos em três lugares geográficos distintos: primeiro, está aquele que deixou no Chile; depois, os papéis dos baús de Santa Bárbara e, finalmente, o material que deixou em sua casa de Nueva York (LUCO; DOMANGE, 2010, p. 47, tradução nossa).

Outra parte importante de sua obra é a correspondência (apesar de só termos parte dela), pois não só fornecem importantes informações biográficas, mas também porque revelam uma importante troca de ideias políticas, educacionais, literárias e espirituais. Ela dedicou muito tempo às cartas e, segundo Donoso (2010, p. 272), "Mistral dedicava grande parte de seu tempo a correspondência (...) que para ela era uma parte importante de seu labor literário".

No que diz respeito a sua poesia, nós temos os livros publicados em vida e os editados postumamente. Os críticos e leitores de Mistral têm se limitado quase que exclusivamente aos livros *Desolación*, *Ternura*, *Tala* e *Lagar*. *Nubes blancas: poesías y La oración de la maestra* e o *Los sonetos de la muerte y otros poemas elegíacos*, publicados em vida, e as coletâneas póstumas (*Poema de Chile* e *Almácigo*) ainda não receberam a devida atenção. Por fim, temos os textos das palestras e conferências que pronunciou, prefácios, entrevistas e um diário que também fazem parte do conjunto de sua produção.

Apresentaremos, a partir da próxima seção, as principais características de sua obra segundo seus críticos, com o objetivo de fornecer subsídios para o estudo de sua produção.

2.1 *Temática*

Como a maioria dos estudos são voltados a sua poesia, os críticos, ao longo do tempo, têm identificado uma série de elementos que são recorrentes. Segundo Padrón (2011, p. 138, tradução nossa), encontramos nela

sua consciência da linguagem falada e as relações com a escrita coloquial, às vezes como na penumbra; o calado na essência, o osso da palavra como expressão de uma voz arcaica e rude; a reiteração de sua «infância submergida» que emerge nos versos e uma «poética de intersecções»; a transcendência espiritual de um cristianismo de catolicidade sincrética, heterodoxo, social e rebelde; a leve e insinuante sensualidade de seu sustado impulso erótico e a sublimação desse erotismo na maternidade frustrada; a convivência contínua com a morte, assumida como imagem truncada ou inacabada, em sua misteriosa exploração da alma humana, e a transformação deste sentimento no júbilo pelo sucessivo ciclo de novas naturezas.

A presença do Chile também é extremamente forte em toda a sua obra e possui muitos desdobramentos. Ela procurou “cantar suas plantas, animais, os rios, o mar, os lugares e sensibilizar para os problemas do campestre e a reforma agrária; escrever para ela estes poemas não foi um afã literário senão uma necessidade vital” (LUCO; DOMANGE, 2010, p. 45, tradução nossa). Por outro lado, pelas muitas viagens que fez, ela procurou descrever suas impressões.

A temática religiosa também está presente em sua poesia e nos textos em prosa, sendo uma das características centrais de sua produção.

O que se percebe durante a leitura da obra de Gabriela Mistral é que o conhecimento da Bíblia e de Deus corroboram a escritura da poeta, levando-a a se dirigir a Deus de maneira questionadora, porém muito respeitosa e servil. Afinal, os mais íntimos possuem espaço e liberdade para interrogar e discutir atitudes e comportamentos dos demais (COELHO, 2008, p. 1251).

Mesmo tendo predicado o cristianismo social, isso não quer dizer que, como poeta, produza uma poesia cristã propriamente dita. Em alguns momentos, por exemplo, faz uma crítica ao catolicismo e à igreja católica, adota em muitos poemas a “concepção de Deus como uma divindade feminina e o sagrado como um espaço da mulher” (FRITIS, 2013, p. 39, tradução nossa). Adotando, também, alguns princípios de outras matrizes religiosas como o budismo.

Suas concepções religiosas se confundem, em alguns momentos, com as crenças teosóficas e ocultistas, influência que alguns críticos restringem à produção juvenil. Por outro lado, o crítico Grínor Rojo, segundo Donoso (2010, p. 52, tradução nossa), “sustenta que Mistral teve um interesse no ocultismo que supera sua etapa da juventude e ao qual volta pouco depois da morte de Yin-Yin”. Outros temas associados, como a morte e a transcendência, também serão recorrentes.

Outro tema importante é o da valorização da cultura popular. Mistral escreveu nos jornais sobre música, tradições e festas populares. Abordou, também, o folclore latino-americano e as lendas chilenas em textos e conferências. Esse interesse pela

cultura popular está relacionado aos projetos políticos e pedagógicos da escritora; assim como ao interesse pelo próprio país e a questão da identidade latino-americana. Ao mesmo tempo envolve a discussão acerca das relações entre a cultura popular e a letrada e entre a cultura nacional e a estrangeira.

Vemos, também, como escreveu, nos seus textos em prosa, sobre diferentes pessoas, com destaque para “a vida e obra de várias poetisas e artistas utilizando seu discurso para validar ideias que também estão presentes em sua poesia, assim como para legitimar seu próprio lugar no mundo literário e público” (DONOSO, 2010, p. 109, tradução nossa). Quando escreve sobre homens, ela adota uma postura mais crítica, o que não quer dizer que não reconheça seus méritos, dirigida a “certos valores patriarcais que primam no modelo cultural e literário latino-americano” (DONOSO, 2010, p. 230). Além disso, escreveu alguns textos de caráter autobiográfico, assim como poemas que adotam esse viés.

Já no que se refere à presença de temas políticos, temos, por exemplo, a luta pela justiça social que se desdobra em outras questões como a da “posse da terra e dos direitos das pessoas marginalizadas do poder” (LUCO; DOMANGE, 2010, p. 56, tradução nossa), que a levaram a lutar contra o latifúndio (em defesa da reforma agrária) e as oligarquias nacionais, assim como lutou em favor da democracia e pelo pacifismo. Outro desdobramento desse viés político é a questão da americanidade “desenvolvida na capacidade de formar relações afetivas para com a natureza, assim como valores sociais e de religiosidade construtiva, resultado da mestiçagem” (PADRÓN, 2011, p. 138, tradução nossa).

A presença da luta das mulheres pela igualdade, a reivindicação dos direitos civis, incluindo a educação, e trabalhistas – assim outros temas afins – não poderiam faltar dentro de sua proposta de reivindicação das liberdades políticas. O que a levou também a trabalhar a questão da mulher poeta, que está inserida num território eminentemente masculino e, de forma mais ampla, a da mulher artista. Mas isso não quer dizer que a poeta deva ser vista como uma feminista. Mistral apoiou algumas de suas lutas e escreveu alguns textos sobre elas, mas, ao mesmo tempo, entrou em conflito com algumas feministas da época e se posicionou contra algumas de suas causas. Ela, por exemplo, “defendeu a maternidade como anterior a qualquer outro trabalho feminino” (HUTT, 2010, p. 14, tradução nossa), o que vai contra uma das principais lutas do feminismo.

Ao mesmo tempo, o seu trabalho como professora fez com que a educação adquirisse cada vez mais importância ao longo do tempo e se tornou um dos temas centrais de sua produção. Fiol-Matta afirma que, “apesar de ter lecionado desde 1914 e de ter escrito regras de comportamento para professores de escola, além de peças elogiosas ao sistema de ensino público, Mistral escreveu seus mais vigorosos textos sobre educação uma década depois” (2005, p. 236). Como professora, discutiu o papel dos livros e da leitura entre as crianças e os adultos, o que a levou a trabalhar pela difusão de bibliotecas. A leitura pode ser entendida como um instrumento de luta contra a barbárie.

Como já foi dito, ao longo de sua trajetória de vida, a infância esteve sempre presente e foi o motor de muitas de suas ações em prol da educação e da sociedade. Visando o progresso da nação, Mistral parte do princípio de que “a educação tem

como consequência inegável o enaltecimento moral dos povos” (HUTT, 2007, p. 59, tradução nossa). Podemos acrescentar que, devido ao interesse pela infância, dedicou-se à poesia infantil (na forma de rondas, de cantigas de ninar e de jogos infantis). Consequentemente, temos em sua poesia a presença da maternidade e da relação mãe-filho. Ao longo do tempo, diferentes críticos têm assinalado em sua obra “a presença incontornável do componente filial. Os personagens de seus poemas serão meninos e meninas, mães e filho” (FRITIS, 2013, p. 21, tradução nossa).

Sendo descendente de judeus, índios e vascos, e pela própria formação social da América Latina, a questão da mestiçagem também adquire importância, apesar das controvérsias suscitadas por suas ideias. Encontramos uma visão depreciativa do negro.

No ensaio “Primer recuerdo de Isadora Duncan” (1927), amplamente antologizado, Mistral compara o corpo branco de Duncan com o corpo negro de Josephine Baker. Ela privilegia o primeiro como depositário da beleza estética e associa o segundo ao declínio da arte. Esse texto documenta o racismo de Mistral contra descendentes de africanos, chegando a sugerir uma atitude simpática à supremacia branca americana dele (FIOL-MATTA, 2005, p. 242).

Ao mesmo tempo em que encontramos essa postura racista contra o negro, encontramos uma valorização do branco. Entre esses dois polos temos a visão do indígena que, em alguns momentos, é de valorização e, em outros momentos, é uma “visão muito diminuída e até depreciativa”, como podemos ver em textos como *El pueblo araucano* (L., 2009, tradução nossa).

Devido à importância da questão da mestiçagem para a construção da identidade nacional, Mistral dedicou alguns textos à questão da imigração. Ela, adotando ideias raciais semelhantes às teorias racistas do séc. XX, expõe a ideia de que existem imigrações desejáveis e indesejáveis por trazerem ou não benefícios para o desenvolvimento da raça. Segundo Fiol-Matta (2005, p. 254), “no artigo ‘Sobre la mujer chilena’ (1946), Mistral lista as ‘melhores’ migrações do Chile, bem como as ‘improdutivas’”.

Outro tema polêmico é a questão da homossexualidade presente em alguns textos, isso acontece devido à polêmica gerada quando da divulgação do material que estava em posse de Doris (que revelou a homossexualidade da escritora); o que contribuiu para a exegese dos textos onde esse tema aparece. Segundo Fiol-Matta (2005, p. 243), por exemplo, “Sandoval Sánchez lê na simpática releitura que Mistral faz do corpo insinuante de Duncan a repressão da atração de Mistral por mulheres e, implicitamente, pela brancura”.

2.2 Seu estilo

A autorreferência foi um fator determinante no processo de construção de sua obra e de sua imagem como escritora. Ao examinarmos seus textos, podemos identificar como esse elemento orientou sua escrita. Enquanto procurava ocupar seu próprio espaço no meio intelectual, ela procurou construir uma imagem de si mesma

na sociedade em que estava inserida e diante do mundo. Esse projeto irá interferir na escolha dos temas, nas polêmicas em que irá se envolver, no tom de seus escritos e até em suas imagens. Mistral, durante sua vida, sempre teve em mente o papel que pretendia representar no meio intelectual de seu tempo.

Mistral não é uma poeta que visa a arte pela arte. É uma poeta engajada de modo que sua obra tem uma finalidade política, social e pedagógica, tanto nos poemas quanto nos textos em prosa. Ela defende diferentes causas e, ao mesmo tempo, procura “formar trabalhadores, cidadãos e cidadãs para o progresso da nação” (HUTT, 2007, p. 59, tradução nossa). Vemos na escritora o desejo de “erradicar da sociedade: a guerra, a pobreza das urbes, o afastamento da mãe do lugar, a desigualdade, o desprezo pelo indígena, entre outros” (HUTT, 2007, p. 59, tradução nossa).

No que diz respeito a sua produção, os textos que escreveu sobre seu país têm características bem distintas do ponto de vista estilístico (mas nem sempre do temático) e podem ser divididos em dois grupos. No primeiro, ela escreve para estrangeiros, mas não no sentido de fazer um texto turístico, ela intenta inserir o Chile no imaginário do continente. Nesse sentido, os que estão nesse grupo têm alguns pontos em comum. Ela os escreve “compondo quadros do país, sua gente e seus costumes, por meio de descrições (geográficas, humanas, históricas) e interpretações que enfatizam a particularidade do Chile ao mesmo tempo que seus vínculos com o continente” (HUTT, 2007, p. 124, tradução nossa).

No segundo, ela escreve para os chilenos com o objetivo de participar das discussões sobre temas sociais, políticos e culturais. Para isso, “redesenha o Chile e os chilenos por meio da ressignificação dos símbolos, costumes e geografias, da exaltação de certos homens e mulheres chilenas (...) e da comparação do Chile com outras nações” (HUTT, 2007, p. 124, tradução nossa). Assim, examinando o texto, é possível identificar seu público alvo.

A metapoesia também é uma característica de sua poesia, fruto das reflexões sobre o fazer poético, que percorre toda a sua produção. Mesmo que tais reflexões sejam recorrentes, a visão que Mistral tem do fazer poético sofre transformações. Assim, podemos dividi-las em dois grupos bem definidos.

No início toma a forma do artista em geral e suas alusões estão muito próximas da concepção horaciana da arte poética: uma série de regras e instruções para exercer melhor o ofício. Estas regras se traduzem no “Decálogo do artista”, poema em prosa que aparece incluído em *Desolación*. Posteriormente, estas referências serão menos explícitas, já que não encontramos poemas que aludem diretamente a este tema, nem títulos que o recordem. Contudo, uma leitura atenta permite detectar numerosas referências ao ofício do poeta, o que é percebido como um dom que outorga satisfações, mas que também se realiza com dor, já que implica renúncias (DONOSO, 2010, p. 15, tradução nossa).

Contudo, ela não se limita a discutir o fazer poético, ela aborda também “o dom da poesia, os efeitos que produz em quem a cria e em quem a escuta” (DONOSO, 2010, p. 95, tradução nossa) e discute até a questão dos temas tratados na poesia.

Do ponto de vista semântico, sua prosa apresenta, segundo Padrón (2011, p. 139, tradução nossa), um “uso requintado e insólito do adjetivo”. Ao mesmo tempo,

identifica, entre outros recursos, o “emprego reiterado de alusões e alegorias, de grandes símiles convertidos em parábolas, como nos textos bíblicos”. Além disso, encontramos em toda sua produção a forte presença da oralidade, daquilo que Mistral chamou de *lengua conversacional*, cujas principais características são

instabilidade ou imprecisão no uso dos verbos, a concordância entre os elementos de uma oração ou frase que não apresentam organização regular, alternância de gênero e número, alternância de artigos definidos e indefinidos, masculino com feminino e singular com plural (L., 2009, p. 94, tradução nossa).

E

a repetição, o uso de vocativos apelativos, acompanhados também da repetição de adjetivos possessivos, reiteração de pronomes enclíticos, reiteração de diminutivos que reforçam as expressões emotivas e a construção de verbos substantivados como criação de palavras (L., 2009, p. 94, tradução nossa).

3 Conclusão

Observando a vida de Gabriela Mistral, podemos dizer que, se hoje está esquecida entre nós, enquanto viveu ela procurou arduamente construir uma carreira de intelectual no Chile e no mundo. Por sua importante trajetória, precisa ser resgatada do esquecimento em que caiu. Sua trajetória de vida merece ser estudada, pois nos permite uma melhor compreensão do período, assim como do processo de inserção feminino em um meio eminentemente masculino.

A própria relação da escritora com o Brasil precisa ser mais bem estudada pela própria ausência de estudos sobre o assunto. Além disso, devido à divulgação de seus arquivos, a reavaliação de sua obra pela crítica ainda está em andamento e há muito o que se fazer. Que este artigo possa despertar o interesse do assunto por outros pesquisadores, tirando-a do anonimato em que caiu.

Referências

ALDRETE, Isabel Silva. Resenha de Pensamiento y forma en la prosa de Gabriela Mistral de Luis de Arrigoitia. *Anuario de Letras*, México, v. XXX, 1992, p. 311-313. Disponível em: <<http://www.revistas.unam.mx/index.php/ral/article/view/38070>>.

COELHO, Kamilla Kristina Sousa França. Hilda Hilst e Gabriela Mistral, um diálogo acerca de Deus. In: V Congresso Brasileiro de Hispanistas / I Congresso Internacional da ABH, 2008, Belo Horizonte. *Caderno de resumos*. Belo Horizonte, 2008. Vol. Único, p. 1251-1258. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/espanhol/Anais/anais_paginas_%201005-1501/Hilda%20Hilst.pdf>.

DALLOZ, Julio Aldinger. O ensaio biográfico e Gabriela Mistral: Sor Juana Inés de la Cruz. *Revista Hispanista*, Niterói, vol. 4, n. 15, 2003. Disponível em: <<http://www.hispanista.com.br/revista/artigo128.htm>>.

DONOSO, Lorena Garrido. "No hay como una contadora para hacer contar": Metapoesía y mujer poeta em la obra de Gabriela Mistral . f. 318. (Doctorado en Literatura) – Universidad de Chile, Santiago, 2010. Disponível em: <<http://tesis.uchile.cl/handle/2250/108673>>.

FIOL-MATTA, Licia. "Mulher-raça": a reprodução da nação em Gabriela Mistral. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v.13, n. 2, 2005, p. 227-264. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000200002>.

FRITIS, Catalina. *Gabriela, Imre y Diamela: imaginario mistraliano en función de un mito psicoanalítico en Los vigilantes como estudio de memoria ficcional* (Licenciatura en Lengua y Literatura Hispánica) – Universidad de Chile, Santiago, 2013. Disponível em: <<http://www.tesis.uchile.cl/handle/2250/112705>>.

GRAÑA, María Cecilia. Una reescritura y su traducción: Electra en la niebla de Gabriela Mistral. *Orillas*, Pádua, n. 3, 2014, p. 1-15. Disponível em: <http://orillas.cab.unipd.it/orillas/articoli/numero_3/11Grana_arribos.pdf>.

HUTT, Claudia Cabello. Gabriela Mistral artesana de sí misma: multifuncionalidad de la prosa mistraliana en su construcción como sujeto intelectual. *Taller de Letras*, Santiago de Chile, n. 41, 2007, p. 53-67. Disponível em: <http://www7.uc.cl/letras/html/6_publicaciones/pdf_revistas/taller/tl41_3.pdf>.

_____. *Gabriela Mistral: artesana de sí misma. La letra y el cuerpo em la construcción de una intelectual transnacional*. f. 271 . Tesis (Doctorate of Philosophy) – The State University of New Jersey, New Brunswick, 2010. Disponível em: <<http://dspace2.conicyt.cl/handle/10533/89165>>.

LACOSTE, Pablo; ARANDA, María Marcela; CUSSEN, Felipe. Paisajes de montaña: el Ferrocarril Trasandino y la captura estética de la cordillera de los Andes en la poesía de Gabriela Mistral. *Alpha: revista de artes, letras y filosofía*, Osorno, n. 35, 2012, p. 9-22. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22012012000200002>.

LAGUNAS, Olga Grandón. Gabriela Mistral: identidades sexuales, etno-raciales y utópicas. *Atenea*, Concepción, n.500, 2009, p. 91-101. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=32814402007>>.

LUCO, Soledad Falabella; DOMANGE, Bernardita. Poema de Chile, sus manuscritos y la valoración del legado de Gabriela Mistral. *Estudios Filológicos*, Valdivia, n.46, 2010, p.

43-57. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0071-17132010000200003>.

MARQUES, Reinaldo. Henriqueta Lisboa: tradução e mediação cultural. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 205-212, 2004. Disponível em: <http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta15/Conteudo/N15_Parte02_art08.pdf>.

PADRÓN, Juan Nicolás. Otra vez Gabriela Mistra. *Revista Casa de las Américas*, La Habana, n. 262, 2011, p. 136-140. Disponível em: <<http://www.casa.co.cu/publicaciones/revistacasa/262/libros.pdf>>.

SILVA, Jacicarla Souza da. Em torno de um (in)visible college na América Latina. *Universitas Humanística*, n. 79, 165-189. Disponível em: <<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/univhumanistica/article/viewFile/6350/795>>

SOARES, Gabriela Pellegrino. *A semear horizontes: leituras literárias na formação da infância, Argentina e Brasil (1915-1954)*. 339 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06062003-191230/pt-br.php>>.